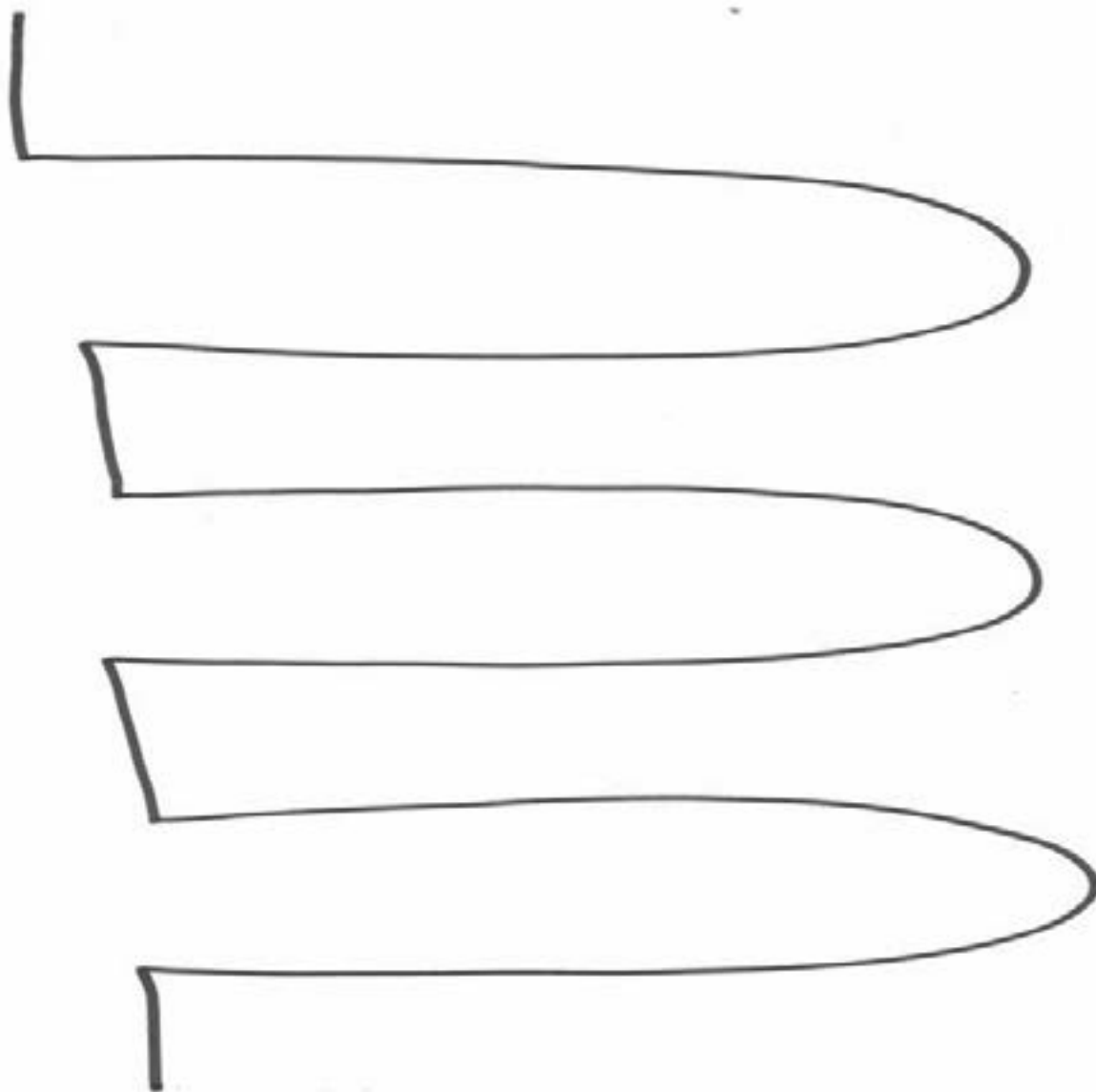


Notação musical não tradicional: possibilidade de criação e expressão musical na educação infantil

Wasti Sivério Ciszewski



Wasti Sivério Ciszevski

wasti@uol.com.br

Mestranda em Música pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), bolsista FAPESP e orientanda da professora livre-docente Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. É licenciada em Educação Musical pela UNESP e participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Musical (GEPEM) dessa instituição. Atuou no projeto de formação de professores da prefeitura de Mogi das Cruzes "Tocando e cantando... fazendo música com crianças" e no projeto "Educação musical pela voz" no IA/UNESP. Tem se dedicado à pesquisa na área de formação musical de professores generalistas e música na educação infantil. Possui diversos cursos, *workshops* e congressos na área de música e educação.

Resumo: Este artigo é destinado tanto a professores de educação infantil como a estudantes e professores de música. No texto serão trazidas reflexões sobre a música na educação infantil e apresentadas possibilidades de atividades musicais relativas à notação musical não tradicional, considerando que essas podem desenvolver a percepção, a criatividade e a expressividade das crianças. Primeiramente, serão feitas algumas considerações sobre os problemas frequentes em relação à música nas escolas de educação infantil e será realizada uma breve reflexão sobre o papel da música neste segmento educacional. A seguir, será apresentado um material didático criado por professoras de educação infantil e algumas sugestões de atividades para utilização desse material, visando o desenvolvimento da notação musical não tradicional em sala de aula.

Palavras-chave: educação musical; educação infantil; notação musical não tradicional

Abstract: *This article is directed to early-childhood teachers, music students and music teachers. This text exposes reflections about music in Kindergarten and presented possibilities for the development of graphic notation, considering that these activities can develop perception, creativity and expression in children. First, some often problems related to music in Kindergarten will be discussed, and will be made a little reflection about music's role in this education phase. Next, a teaching material created by kindergarten teachers will be presented and suggested some exercises for using it, aiming to the development of graphic notation in classroom.*


Keywords: *music education; early-childhoods; graphic notation*

CISZEVSKI, Wasti Sivério. Notação musical não tradicional: possibilidade de criação e expressão musical na educação infantil. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 2, n. 2, setembro de 2010.

Música na educação infantil

A música está presente nos mais diversos povos e culturas e manifesta-se fortemente na vida das crianças. As crianças, desde o ventre materno, têm contato com os sons em seu cotidiano. Elas interagem com os sons de maneira espontânea e criativa, expressando-se muitas vezes por meio de músicas infantis e improvisando desenhos sonoros enquanto brincam.

Nas escolas de educação infantil, devido aos programas de ensino serem abordados com uma certa flexibilidade, a música encontra-se presente no cotidiano da sala de aula de várias maneiras. A educadora musical Leda Maffioletti (2001, p. 123) diz que “o cotidiano da educação infantil é repleto de atividades musicais, algumas tão conhecidas que já fazem parte do repertório usual das escolas”. A autora também questiona quais são os objetivos das diversas canções utilizadas no dia a dia da educação infantil, como *Meu lanchinho*, *De olhos vermelhos*, dentre outras realizadas diariamente sem questionamento.



Podemos perceber que ainda existem fortes resquícios de um ensino que utiliza a música para aquisição de conhecimentos gerais, para a formação de hábitos e atitudes, disciplina, condicionamento de rotina e comemorações de datas diversas. A educadora musical Esther Beyer (2001) destaca que o uso da música como forma de organizar as crianças é muito comum nesse nível de ensino.

É importante destacar que a educação musical na educação infantil, e em qualquer outro nível de ensino, deve privilegiar o ensino da própria música, contribuindo assim para a formação integral do indivíduo, e não ser pano de fundo para outras atividades ou ferramenta para o aprendizado de outros conteúdos.

Outra questão que também merece ser refletida é o uso das músicas de comando e seus gestos estereotipados, que são muito frequentes na educação infantil. Fucks (1991) considera isso um “poder-pudor”, que seria um mecanismo de camuflagem do controle escolar que se manifesta, principalmente, através das musiquinhas de comando. A autora afirma que esse “disfarce para a ordem” é reforçado pelo uso de diminutivos e gestos, ou seja, uma prática de infantilização.

Esses são alguns dos problemas frequentes em relação à música nas escolas de educação infantil. Não podemos generalizar as dificuldades aqui apresentadas, mas muitas pesquisas indicam o mau uso da música nas escolas. Entendemos que essa situação é decorrente principalmente da falta de orientação de um profissional da área de música nas escolas e da fragilidade da formação pedagógico-musical dos seus educadores.

Então, a partir do quadro apresentado, podemos nos perguntar: como nós, professores de educação infantil, podemos desenvolver a educação musical de nossos alunos de maneira adequada?

Primeiramente, temos de ter clareza a respeito de que a música é uma expressão artística fundamental no desenvolvimento das crianças. Frances Aronoff (1974, p. 7) afirma que “as crianças captam naturalmente os sons musicais [...] a música pode ser um meio de favorecer seu desenvolvimento emocional e intelectual”.

Espera-se que a música na educação infantil possa desenvolver a criatividade, a expressividade, o senso estético e crítico nos alunos. Assim, o professor precisa estar atento para ser capaz de observar e conservar as respostas naturais das crianças. Aronoff (1974, p. 20) destaca que “o papel da educação musical na primeira infância está bem definido: deve conservar e desenvolver as respostas naturais da criança através de valores estéticos”.

Diante disso, uma questão muito importante na educação musical é a possibilidade que ela nos oferece de poder desenvolver a sensibilidade e a criatividade de nossos alunos. Violeta Gainza afirma que

“[...] nas aulas de música, a criança deverá ter múltiplas oportunidades para expressar-se livremente, para apreciar e aprender dentro de um marco de ampla liberdade criadora. A educação através da arte proporciona à criança a descoberta das linguagens sensitivas e do seu próprio potencial criativo, tornando-a mais capaz de criar, inventar e reinventar o mundo que circunda. A criatividade é essencial em todas as situações. Uma criança criativa raciocina melhor e inventa meios de resolver suas próprias dificuldades”. (Gainza, 1998 apud Góes, 2009, p. 5)



Mas e na prática? Como podemos realizar atividades que desenvolvam uma educação musical expressiva e criativa em nossos alunos?

Existem inúmeras atividades que podem propiciar uma educação musical significativa às crianças. A seguir, será trazida mais uma proposta que busca valorizar a percepção, a expressão e a criatividade das crianças alunas dos cursos de educação infantil.

Notação musical não tradicional: possibilidade para as aulas de música na educação infantil

A proposta que será aqui apresentada surgiu a partir da criação do material didático “Improvizando através de registros sonoros”*, que foi criado por professoras de educação infantil, orientadas por um especialista de música. Essa proposta visa a estimular a percepção, o raciocínio lógico, a significação do símbolo na criança e a criação por meio da notação musical não tradicional. Também buscamos mostrar que a criação de um material didático pode ser muito simples e, assim, incentivar os educadores a criarem materiais didático-musicais próprios, condizentes com seu contexto escolar.

Mas, antes de iniciar, vamos primeiramente entender: o que é notação musical?

A notação musical é o registro gráfico dos sons. A chamada “notação musical tradicional” é constituída por notas musicais, usadas para registrar sons em relação a sua altura e duração. As partituras tradicionais são escritas com notas musicais, respeitando os padrões de escrita desenvolvidos ao longo da história da música ocidental. No exemplo apresentado a seguir, é possível notar que as notas musicais estão distribuídas em cinco linhas (pentagrama) e, nesse caso, acompanham a letra da canção.



Sob orientação musical da autora deste trabalho, esse material foi criado pelas professoras de educação infantil da E. M. João Gualberto Mafra Machado (Jundiapéba – Mogi das Cruzes, SP), participantes do projeto “Tocando e cantando... fazendo música com crianças”.

Partitura tradicional – Cajueiro pequenino

tradicional de Pernambuco

Ca-ju - ei - ro pe - que - ni - no car - re - ga - do de fu - lô, Eu tam -
 bém sou pe - que - ni - no car - re - ga - do de a - mor, Ai, meu ca - ju - ei - ro ven - to
 nor - te a - ba - lou. Que foi is - so ca - ju - ei - ro, se - ri - coia a - nun - ci - ou.

Figura 1: partitura convencional.

A partir do século XX, os compositores resolveram experimentar novas formas de registrar os sons, utilizando-se de gráficos e figuras ilustrativas. Segue exemplo de uma partitura contemporânea:

Partitura contemporânea (com notação gráfica)

Süßer Tod

Musik: Klaus Stahmer, *1941
 Text: Johannes R. Köhler

hs
 hm
 pp
 mf f p
 'ne Stü - ben - flie - ge.
 parlando rubato
 Ach, wie schade!
 Klebt in 'nem Glas mit Mar - me - la - de.
 cresc. f sub. pp mf

Figura 2: Parte inicial da música *Süßer Tod*, composta por Klaus Stahmer e Johannes R. Köhler.

Nesse exemplo, é possível identificar a presença de alguns símbolos gráficos (alguns contornos sonoros, “blocos sonoros” que se movimentam), algumas notas musicais escritas no pentagrama e outras, não. Assim, podemos perceber que, nessa música, o compositor optou pelo uso simultâneo da escrita tradicional e contemporânea para o efeito sonoro que ele busca.

Pode-se perceber que a forma de representação dos sons presente nas partituras contemporâneas, que se utiliza de desenhos e símbolos, é muito mais próxima daquilo que as crianças já fazem e, assim, pode contribuir para o desenvolvimento da criança, a partir da criação e significação de símbolos.

A proposta que será apresentada, que visa à exploração da grafia musical não tradicional (ilustrada na Figura 2), pode ser utilizada com crianças a partir de três anos, mas algumas atividades, de escrita musical e composição, por exemplo, são mais próprias a crianças a partir de cinco anos. Teca Alencar de Brito destaca que



[...] apesar da leitura e escrita musicais tradicionais não serem conteúdos próprios da educação infantil, o conceito de registro de um som (ou grupo de sons) pode começar a ser trabalhado com crianças de três anos, desde que em situações significativas de interação e apropriação dos sons e de construção de sentidos”. (Brito, 2003, p. 178)



O material didático “Improvizando através de registros gráficos” é bem simples, composto por fichas com registros gráficos, que podem ser usados no processo de desenvolvimento da grafia musical não tradicional. Primeiramente, serão apresentados os componentes que fazem parte desse material didático:



Figura 3. Registros gráficos em fichas.

Além desses símbolos gráficos, e de outros semelhantes, o material também conta com fichas com o “sinal verde” e o “sinal vermelho”, que podem ser utilizadas para trabalhos com os conceitos de “som” e “silêncio”.



Figura 4. Sinais para "som" e "silêncio".

Existem várias possibilidades de atividades musicais a serem desenvolvidas a partir desse material. Neste artigo, serão trazidas algumas sugestões para o trabalho com a grafia não tradicional, partindo da exploração do próprio corpo e do material didático criado. A partir delas, o professor interessado poderá criar muitas outras.

Criando por meio da voz...

- Explorar, por meio da voz, algumas qualidades do som (intensidade, altura e duração¹), deixando que as crianças descubram como expressar essas características.
- Desenhar com o dedo, traçando linhas imaginárias no ar, representações para sons cantados pelas crianças: sons curtos, longos, ou que caminham ascendente ou descendente, isto é, que vão do grave para o agudo ou do agudo para o grave, respectivamente. Esse exercício pode ser feito corporalmente também, desenhando a direção dos sons cantados com o corpo todo. Por exemplo: no movimento ascendente, as crianças podem ir levantando o corpo de acordo com o som, e, no descendente, abaixando-se até o chão.
- Partindo da exploração realizada na atividade anterior, deixar cada criança improvisar² uma ideia musical com a voz, a partir das qualidades do som, utilizando para isso a mão ou todo o corpo. Pode-se fazer esse exercício em círculo e a tarefa é fazer com que cada criança passe uma ideia musical para a outra sem deixar "buracos", isto é, cada qual entrando com seu improviso imediatamente depois da outra. Esse exercício permitirá a criação de uma grande ideia musical, construída por toda a classe, a partir da expressão musical de cada criança.

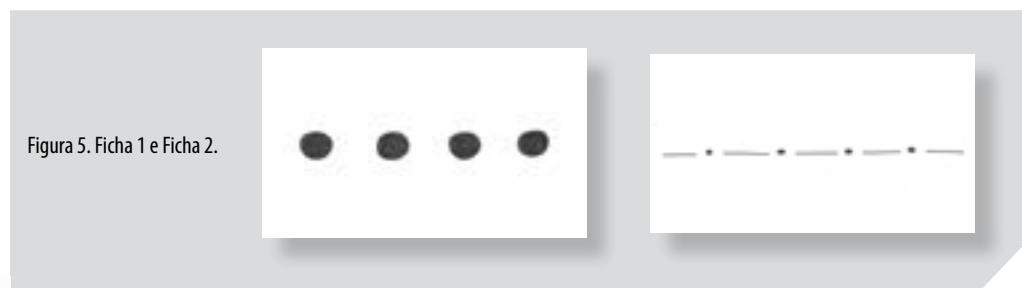


1. Duração, altura e intensidade são três dos parâmetros do som. A **duração** refere-se ao tempo que o som permanece no ar; quanto à duração, os sons podem ser curtos e longos. **Altura** é a propriedade do som que indica frequência, isto é, a quantidade de vibrações por segundo; quanto à altura, os sons podem ser graves ou agudos. **Intensidade** é a propriedade do som que indica a amplitude, isto é o tamanho da curva da onda que vibra; quanto à intensidade, os sons podem ser fracos ou fortes. Em qualquer dessas propriedades, há uma gradação entre os dois extremos indicados.

2. Improvisar em música não significa "fazer qualquer coisa" ou "dar um jeitinho", mas sim fazer música espontaneamente, com liberdade, partindo do seu repertório de sons e organizações sonoras que serão entendidas como música. É como falar (a fala é uma improvisação): quanto mais você conhece as palavras, melhor se comunica. Do mesmo modo acontece em música, quanto mais você domina a linguagem musical, melhor improvisa e melhor se comunica.

- Após essa exploração inicial, é interessante mostrar para as crianças os símbolos das fichas, um por vez, deixando que cada uma dê sua interpretação e expressão musical para aquela grafia.

- Analisar os símbolos gráficos e criar coletivamente um padrão para os desenhos de cada ficha, deixando que a classe decida qual o som que melhor define cada grafia e, assim, os interprete em conjunto. Por exemplo: compreender que a Ficha 1 refere-se a quatro sons curtos e fortes e a Ficha 2 refere-se à alternância entre sons curtos e longos (fracos):



Descobrimo o som da percussão³...

- Distribuir um instrumento musical para cada criança (ou deixar que cada uma escolha o seu) e explorar os parâmetros do som tocando: *bem forte*, *bem suave*, *sons curtos*, *sons longos*... Como todos estarão com instrumentos musicais, serão utilizados símbolos para indicar o momento do som e do silêncio. Os símbolos com os círculos vermelho e verde podem ser usados como um “semáforo musical”. O sinal verde indica que todos podem tocar seus instrumentos aleatoriamente e o sinal vermelho indica que todos deverão parar de tocar.⁴

- Espalhar as fichas no chão, ou colocá-las na lousa, e pedir que cada criança escolha uma das fichas para interpretar com seu instrumento.

- Pedir que as crianças associem símbolos e timbre.⁵ Por exemplo: símbolos que indicam um som curto e seco combinam com quais instrumentos?



3. Se na sua escola não há instrumentos de percussão, é muito simples construí-los com sucata. No final deste artigo serão trazidas algumas indicações de livros que trazem os procedimentos para a construção de instrumentos musicais.

4. O “sinal verde” e “sinal vermelho” podem ser usados em diversas atividades musicais, pois possibilitam o trabalho com o som e o silêncio.

5. Timbre: propriedade do som que caracteriza sua “personalidade”. Nenhum instrumento tem o timbre igual ao outro. É por isso que podemos reconhecer sem olhar, só ouvindo, o som de diferentes instrumentos, como a flauta, o piano, o violão, ou podemos reconhecer ao telefone quem está nos ligando, apenas pelo timbre da voz.

Ouvindo e registrando...

- Fazer um “ditado” a partir das fichas trabalhadas com a classe: o professor pode executar uma ou mais fichas e o aluno deverá representá-las em um papel.
- Em grupos, fazer um “jogo de adivinhação”. Um grupo inventará uma sequência sonora utilizando os sons que foram convenicionados pela sala para os registros gráficos das fichas (esses sons podem ser executados na voz ou nos instrumentos). Enquanto um grupo apresenta sua sequência os outros tentarão desenhá-la baseando-se nos registros gráficos das fichas.

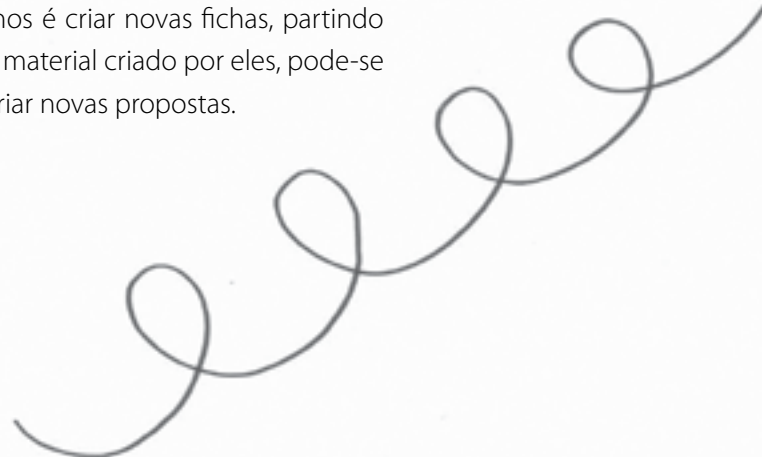


Chegou a hora de inventar sua música...

- Após a exploração desse material, a segunda etapa será a invenção de uma música.
- Cada criança escolherá três fichas (por exemplo), definirá uma sequência que tenha sentido musical para ela e executará sua música para toda a sala.
- Também é interessante estimular as crianças a criarem nomes para suas invenções e gravá-las, para que os alunos possam ouvir suas produções e tecer comentários sobre suas criações e as de seus companheiros. Igualmente interessante é promover uma conversa sobre a maneira como cada um interpretou sua criação.

Hora de escrever...

- Antes ou após o trabalho de “leitura”, pode ser realizado também um trabalho de escrita musical. Cada criança desenhará seus próprios símbolos sonoros (fará uma partitura gráfica) e executará sua obra musical para a sala.
- Um trabalho interessante a ser feito com os alunos é criar novas fichas, partindo da imaginação e experiência musical deles. A partir do material criado por eles, pode-se repetir os procedimentos aqui sugeridos, bem como criar novas propostas.



Considerações finais

Para a realização das atividades apresentadas, sugere-se que o professor procure dar poucos exemplos, para poder perceber melhor o nível de elaboração e abstração dos alunos. Nessas propostas, o educador assumirá o papel de mediador, criando um ambiente agradável e favorável à expressão e criação dos alunos.

O trabalho aqui trazido está em consonância com as propostas de educação musical dos educadores musicais da segunda geração (a partir de 1960), como Murray Schafer, John Paynter e George Self, por exemplo, que defendem o uso da música contemporânea e suas técnicas em sala de aula, por considerarem que essa linguagem se aproxima do fazer musical das crianças.

John Paynter (1972 apud Roberty, 2006, p. 14) enfatiza a questão da notação musical como “ponto de renovação e mudança na educação musical, em que o educador passe a enxergar a música como algo mais do que colcheias e semínimas [nome dado aos valores das notas musicais], explorando o som previamente à escrita”.

Segundo Paynter e Self, a música contemporânea se utiliza de uma ampla gama de materiais sonoros (som e ruído), entre os quais são comuns a ausência de métrica e o uso de notação musical não tradicional, baseada na representação gráfica dos sons, que se assemelha muito à música que as crianças inventam. Essa abordagem permite uma ênfase na exploração sonora, fazendo a criança pesquisar e vivenciar os parâmetros dos sons, além de propiciar a ela a experimentação de todo o processo composicional, desde a escolha do material sonoro, a organização e registro deste.

Uma questão importante a ser destacada é que a proposta aqui apresentada trabalha com uma concepção estética aberta. Mesmo no momento em que o som das fichas foram “padronizados”, ainda assim cada criança é coautora da música por meio de sua interpretação. Afinal: qual o tempo exato de um som curto ou de um longo? Que extensão da voz deve ser usada quando fazemos um movimento ascendente (do grave para o agudo)? De fato, nada disso pode ser definido com exatidão, e é justamente esta a proposta: que cada criança crie e se expresse de acordo com sua relação pessoal com os sons.

Finalmente, deixamos o desafio para que o professor vá além do que foi aqui apresentado, e crie, juntamente com seus alunos, novas possibilidades para o trabalho com a grafia musical não tradicional. Incentivamos também a criação de jogos e materiais didáticos musicais que se adéquem aos contextos escolares e que possam enriquecer o trabalho de educação musical em nossas escolas.



Para saber mais

AKOSCHKY, J. *La musica en el nivel inicial: diseño curricular para la educación inicial*. Buenos Aires: GCA: BA, Secretaria de la Educación, 1996/2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil: volume 3: conhecimento de mundo*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GAINZA, V. H. de. *La iniciación musical del niño*. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1964.

JEANDOT, N. *Explorando o universo da música*. São Paulo: Scipione, 1990. [Procedimentos para construção de instrumentos musicais com sucata na p. 37-57].

SELF, G. *Nuevos sonidos en la clase: una aproximación práctica para la comprensión e ejecución de música contemporánea en las escuelas*. Buenos Aires, Ricordi, 1967.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.



Referências

ARONOFF, F. W. *La música y el niño pequeño*. Buenos Aires: Ricordi, 1974.

BEYER, E. *O formal e o informal na educação musical: o caso da educação infantil*: In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM SUL, 4., 2001, Santa Maria. Anais... Santa Maria: Abem, 2001. p. 45-52.

BRITO, T. A. de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003. [Procedimentos para construção de instrumentos musicais com sucata na p. 69-85].

FUCKS, R. *O discurso do silêncio*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

GÓES, R. S. A música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e do aprimoramento do código linguístico. *Revista do Centro de Educação a Distância –CEAD/UDESC*, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/viewFile/1932/1504>>. Acesso em: 25 maio 2010.

MAFFIOLETTI, L. de A. Práticas musicais na escola infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre, ArtMed, 2001. p. 123-134.

ROBERTY, B. B. *O desenvolvimento da grafia a partir do trabalho da Oficina de musicalização*. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música)–Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/brunoroberty.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2008.